ISSN: 2358-8829

ENTRE O PASSADO DE RESISTÊNCIA E O FUTURO DE ESPERANÇA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO INTERDISCIPLINAR DE CONSCIÊNCIA NEGRA

Navin Talis Lira Júlio[1]
Matheus Escarião de Sousa[2]
Lucas Vinícius Oliveira dos Santos[3]

INTRODUÇÃO

O trabalho relata a experiência do projeto "Do passado de resistência ao futuro da esperança: trajetória do povo negro do Brasil", realizado na Escola Cidadã Integral Professor Celestin Malzac, em João Pessoa, Paraíba, como parte da programação da Consciência Negra de 2025. De caráter interdisciplinar, a iniciativa envolveu o corpo docente, os alunos e os bolsistas de iniciação à docência (PIBID), contando com cerca de dois meses de preparação.

Durante sua construção, o projeto enfrentou barreiras institucionais, envolvendo alunos, pais e direção escolar, que demonstraram incômodo com a divulgação das religiões de matriz africana. Apesar das tensões, a construção coletiva entre professores, pibidianos e estudantes possibilitou a realização de uma programação rica em trocas culturais.

[1] Graduando do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, nlj@academico.ufpb.br
[2] Graduando pelo Curso de ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, matheus.escariao@academico.ufpb.br
[3] Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Professor de Sociologia na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. lucas.ovsantos2@professor.pb.gov.br

ISSN: 2358-8829

Realizado nos dias 18 e 19 de novembro, o projeto foi dividido em dois momentos. O primeiro foi dedicado a oficinas e vivências formativas de percussão, literatura afro-brasileira, tranças, grafites e capoeira. No segundo dia, ocorreram as apresentações das doze turmas do Ensino Médio, contabilizadas como nota complementar do quarto bimestre e orientadas por questões relacionadas à ancestralidade, ao racismo estrutural e à luta antirracista.

Os oito bolsistas do PIBID de Sociologia da UFPB foram distribuídos entre as turmas para auxiliar na preparação e nos ensaios das apresentações, desempenhando papel fundamental no desenvolvimento da proposta. Os resultados apontam caminhos para a construção de uma educação democrática, inclusiva e antirracista, contribuindo especialmente para o enfrentamento do racismo recreativo no ambiente escolar, uma das principais problemáticas identificadas pelos pibidianos ao longo de 2025.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A metodologia adotada neste relato de experiência, de abordagem qualitativa, baseia-se na vivência direta dos autores em todas as etapas do projeto, do planejamento à execução do evento. O processo envolveu mais de dois meses de preparação e planejamento contínuos, com reuniões semanais para a organização do evento, contato com oficineiros, levantamento do orçamento financeiro, criação do formulário de inscrição e orientação das turmas. Nesse período, todos os docentes da escola atuaram como professores orientadores, de forma coletiva e integrada, em cooperação com os bolsistas de iniciação à docência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Sob o tema geral "Do passado de resistência ao futuro de esperança: a trajetória do povo negro no Brasil", o projeto enfrentou barreiras institucionais e ideológicas ao longo de sua execução. Entre elas, destacam-se a resistência da própria gestão escolar, a recusa inicial de alguns estudantes em participar de apresentações ligadas às matrizes africanas e as manifestações de incômodo por parte de pais de alunos.

ISSN: 2358-8829

O evento foi realizado em dois dias. O primeiro foi dedicado à prática de 12 oficinas culturais: trança, capoeira, ballroom, arte urbana, percussão, dança afro-brasileira, rap e escrevivência, além de rodas de conversa sobre africanidades, religiões afro-brasileiras e a literatura de Carolina Maria de Jesus. Essas atividades permitiram aos estudantes vivenciar, de forma prática, expressões artísticas e intelectuais da cultura negra.

No segundo dia, ocorreu a mostra cultural, em que cada turma apresentou a toda a escola, em uma culminância, as performances previamente organizadas. Cada segmento ficou responsável por uma temática, de modo a construir uma linha do tempo da trajetória negra. As turmas de 1º ano trataram do passado, abordando ancestralidade, revoltas, travessia e escravidão. Os de 2º ano trabalharam o presente, com racismo estrutural, cultura negra e mulheres negras importantes. As de 3º ano abordaram o futuro, com afrofuturismo, juventude negra e cientistas negros.

Assim, por meio de aulas orientadas sobre essas temáticas, oficinas culturais e práticas artísticas, o evento foi realizado. A experiência possibilitou aos bolsistas do PIBID e aos docentes vivenciar a articulação entre planejamento coletivo, interdisciplinaridade e educação para as relações étnico-raciais, ao mesmo tempo em que evidenciou os conflitos e contradições institucionais que atravessam essa prática.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi feito por meio das contribuições de Bourdieu (2014) e Louro (1997), com reflexões que permitem problematizar a escola como um espaço não neutro, atravessado por relações de poder e reprodução de desigualdades. Dialoga também com Pierucci (1999), especialmente nas discussões sobre questões de gênero. Para compreender as manifestações do racismo na sociedade e no ambiente escolar, trabalhamos com as obras de Almeida (2019) e Carneiro (2023) sobre o racismo estrutural, e Moreira (2019) sobre o racismo recreativo. Além de trabalhar a discussão do lugar de fala com Ribeiro (2017).

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto nasceu dos recorrentes casos de racismo recreativo percebidos no ambiente escolar durante o primeiro ano de aplicação do subprojeto de Sociologia do PIBID-UFPB, período em que desenvolvemos o diagnóstico da escola-campo. Esse cenário se mostrou alarmante, pois os resíduos do racismo estrutural, compreendido como parte da organização das relações sociais e institucionais (Almeida, 2019), apareciam com força e de maneira relativizada, tratados como "brincadeira".

Apesar de a Lei nº 10.639/2003 exigir o ensino da história e da cultura afro-brasileira na educação básica, observamos que, na prática pedagógica, essa política é atropelada por outras demandas e se reduz a ações pontuais, restritas à estética e à forma de "negritude" que se tornou hábito nas escolas brasileiras em 20 de novembro. Diante disso, o projeto buscou efetivar o ensino da cultura negra na história brasileira de maneira pedagógica, por meio de metodologias ativas, e construir uma "Consciência Negra" que despertasse a percepção de todo o corpo escolar para a história negra, e também para suas contribuições sociais, artísticas, científicas e políticas.

A logística do evento foi construída entre setembro e o início de novembro, a partir de reuniões semanais orientadas pelo professor supervisor. Cada um dos oito bolsistas foi alocado em uma turma de cada segmento, a fim de orientar os estudantes na formulação da Mostra Cultural, em conjunto com os demais docentes. Também foi de nossa responsabilidade contatar os oficineiros, elaborar um formulário digital para a inscrição dos estudantes nas oficinas, o que garantiu a participação integral dos alunos, e gerir a verba destinada a transporte, alimentação e ajuda de custo, ação realizada pelo núcleo de bolsistas e profº supervisor em parceria com a secretaria e a direção escolar.

O primeiro dia do evento foi dedicado à realização de doze oficinas culturais, abertas à comunidade escolar. Cada uma deixou registros tanto no espaço físico da escola quanto nas intenções e nas relações humanas ali estabelecidas. Na oficina de trança, os estudantes aprenderam técnicas do penteado nagô e as reproduziram uns nos outros.

ISSN: 2358-8829

Figura 1 - Oficina de tranças



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

A capoeira ensinou técnicas do corpo, seus fundamentos e a história da prática, e ainda realizou a apresentação de abertura da culminância. A oficina de ballroom tratou da história LGBT+ negra e ensinou elementos da categoria *face*, voltada à discussão dos traços e da autoestima negra. Na oficina de arte urbana, os estudantes aprenderam técnicas de pixo com tinta spray e praticaram diretamente no muro da escola, transformando seu espaço visual.

Figura 2 - Oficina Ballroom



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

ISSN: 2358-8829

Figura 3 - Oficina de Arte Urbana



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

Na percussão, puderam praticar com os instrumentos e compreender a musicalidade negra, e na oficina de dança afro-brasileira a música de base percussiva foi incorporada a movimentos corporais ligados a esse ritmo. Nas oficinas de rap e de escrevivência, a prática se organizou em torno de métodos de escrita. Além disso, as rodas de conversa tiveram grande valor para o evento: uma sobre africanidades, com um oficineiro imigrante da Guiné-Bissau; outra sobre religiões afro-brasileiras, conduzida por um líder de religião de matriz africana; e uma terceira sobre a literatura de Carolina Maria de Jesus, em exposição da Profª Drª Eliana da Conceição, coordenadora do curso de Ciências Sociais da UFPB

ISSN: 2358-8829

Figura 4 - Roda de conversa sobre Carolina M. de Jesus



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

Figura 5 - Oficina de percussão



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

ISSN: 2358-8829

O projeto teve como premissa traçar uma linha do tempo que parte da ancestralidade e a resiliência do povo negro e projeta seu futuro de excelência. Partindo dela, os segmentos receberam subtemas. Ao 1º ano coube *O passado*: ancestralidade africana (civilizações, espiritualidade e saberes tradicionais); a travessia e a escravidão no Brasil (diáspora e resistência cultural); quilombos e resistências, de Palmares ao Quilombo do Ipiranga e a Paratibe; e as revoltas negras, dos Malês às rebeliões escravistas. Ao 2º ano coube *O presente*: samba de terreiro, coco, maracatu e capoeira; racismo estrutural hoje, com as desigualdades no Brasil e na Paraíba; religiosidade de matriz africana, entre terreiros e resistência em João Pessoa; e mulheres negras, suas trajetórias históricas e contemporâneas. Ao 3º ano coube *O futuro*: intelectuais negros e pensamento crítico; produção técnico-científica de pessoas negras, com intelectuais, inventores e cientistas invisibilizados; juventude negra, seus desafios, sonhos e resistências; e afrofuturismo, entre identidade, tecnologia e emancipação.

No segundo dia, as apresentações começaram com as turmas de 1º ano, que recorreram ao teatro para tratar da ancestralidade, do racismo religioso e da influência negra na fé brasileira. Uma das turmas simulou uma "gira" no palco para exibir os saberes tradicionais dos cultos de matriz africana, e as encenações também representaram os quilombos paraibanos e sua simbologia de luta.

Figura 6 - Mostra Cultural do 1° ano



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

ISSN: 2358-8829

As turmas de 2º ano apostaram em apresentações em formato jornalístico, nas quais os estudantes anunciavam a trajetória de mulheres negras e a presença da cultura afro-brasileira na música.

Figura 7 - Mostra Cultural do 2° ano



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

As turmas de 3º ano combinaram teatro e jornalismo. Encenaram uma batalha de rap para denunciar a violência policial e destacar a importância da juventude negra na cultura, e montaram um cenário inspirado no "Jornal Nacional" que entrevistava intelectuais e cientistas negros, apontando suas conquistas e contribuições para a sociedade. Outra turma, optou por encenar uma "batalha de RAP", para exaltar a cultura negra da juventude, e também denunciar a violência political aplicada recorrentemente a jovens negros e periféricos. Os próprios estudantes produziram a poesia proferida na "batalha" e o cenário do teatro.

ISSN: 2358-8829

Figura 8 - Mostra Cultural do 3° ano



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

Figura 9 - Mostra Cultural do 3º ano

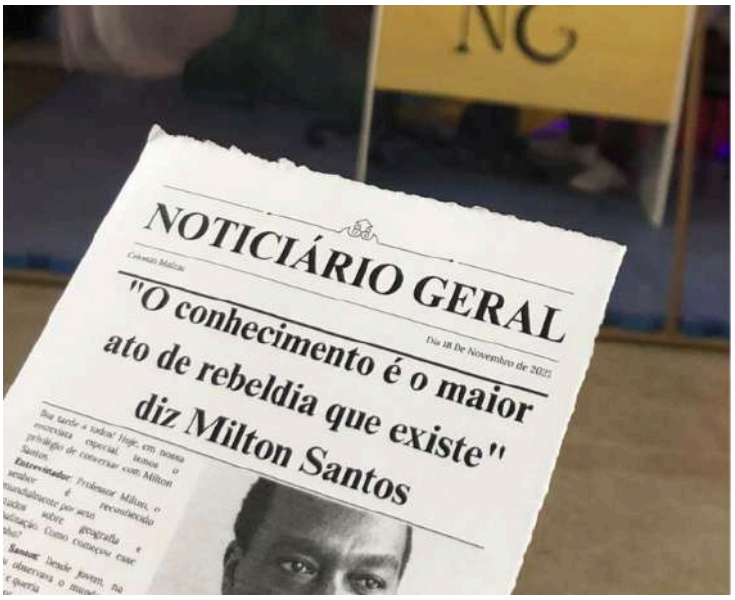


Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

ISSN: 2358-8829

Os alunos tomaram como referência nomes como Milton Santos, Carolina Maria de Jesus e Luiz Gama, e produziram um material semelhante a um folheto de jornal, com imagens reais do intelectual entrevistado, entregue à plateia. Assim, concluiu-se a Mostra Cultural.

Figura 10 - Material produzido pelo 3°ano



Fonte: Arquivo do PIBID Sociologia

Em momento anterior ao evento, houve embates com a direção da escola em relação aos conteúdos que seriam tratados. Segundo o setor administrativo, houve queixas de pais sobre “ensinar macumba na escola” e sobre uma “ideologia LGBT” supostamente imposta aos alunos, em um contexto em que a participação no evento valeria como avaliação em diversas disciplinas, dado seu caráter interdisciplinar.

O termo “macumba”, mobilizado de forma pejorativa, opera como marca de um dispositivo de racialidade que “demarca a humanidade como sinônimo de brancura” em que o sujeito negro é construído como o “não ser” que sustenta, por contraste, o ser branco (Carneiro, 2023, p.31-32), na medida em que desqualifica saberes e espiritualidades de matriz africana e os mantém fora do currículo considerado legítimo.

A situação já era prevista pela equipe e foi contida pela intervenção do professor supervisor, que esclareceu de forma pedagógica, porém incisiva, os objetivos do evento. Ao fazê-lo, evidenciou o estigma que orientava as queixas dos responsáveis, sobretudo diante da direção escolar, que se mostrou alinhada aos pais evangélicos contrários à proposta. O professor argumentou que o descontentamento manifestado se mascarava de racismo religioso e, ancorado na legislação brasileira, reforçou a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira na educação básica, conforme a Lei nº 10.639/2003. Assim, percebe-se que a efetivação de uma educação antirracista depende da existência de dispositivos legais, em colaboração da disposição de profissionais da educação plenamente formados para uma educação emancipadora, para sustentá-los diante de resistências institucionais, o que reafirma o papel da escola, como expoente na transformação da comunidade e da formação docente.

Do mesmo modo, o racismo recreativo que motivou o projeto reitera essa hierarquia sob a aparência da leveza. Já a acusação de "ideologia LGBT" dialoga com Louro (1997), para quem a escola não é neutra, do contrário, desde seu início, " a instituição escolar exerceu uma ação distintiva" produzindo uma hierarquiza das diferenças de gênero e sexualidade por meio de currículos, rituais e silenciamentos (Louro, 1997, p.57) A resistência, vinda de alguns pais e responsáveis e até de profissionais da educação, mexe no "elefante na sala" escolar. A educação só é tida por inquestionável quando se isenta das questões sociais que fundamentam a realidade escolar.

Em contrapartida às situações de intolerância, o evento também gerou representatividade entre os próprios estudantes adeptos de religiões de matriz africana. Esses estudantes relataram que, até então, não podiam expressar sua fé no espaço escolar, pois a grande maioria dos alunos é cristã e eles se sentiam excluídos desse ambiente. A possibilidade de ver suas crenças e saberes reconhecidos como parte legítima do conteúdo escolar permitiu que ocupassem um "lugar de fala", no sentido proposto pela filósofa Djamila Ribeiro: "Pensar num lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia." (Ribeiro, 2017, p.50).

Portanto, entendemos que o lugar de fala não se resume a uma identidade biológica ou individual, mas sim a uma localização social que permite ou não a circulação de determinados discursos. Logo, entendemos que os resultados do projeto, propiciaram aos estudantes a possibilidade de serem reconhecidos diante da comunidade escolar, além da necessidade de assegurar, na prática, a laicidade do Estado, pois embora a escola pública tenha como premissa não adotar nenhuma religião, na realidade o racismo religioso se manifesta escancaradamente, e os estudantes que não seguem a fé cristã acabam sofrendo algum tipo de violência. Assim, a laicidade, quando reduzida ao plano formal, convive com a hegemonia de uma única matriz religiosa, o que reforça a importância de ações pedagógicas que garantam o pleno reconhecimento da diversidade religiosa no cotidiano escolar.

Apesar desses atravessamentos, o evento ocorreu conforme o planejado, rendendo bons resultados em relação ao objetivo central do projeto. Há, entretanto, um contraponto. O evento obteve boa repercussão e conferiu à escola uma imagem de instituição democrática, ainda que, antes, sua legitimidade tivesse sido questionada sem fundamentos. Pierucci (1999) alerta para as “ciladas da diferença”, isto é, para o risco de a valorização da diferença, desvinculada da crítica às desigualdades, ser incorporada pelas instituições como capital simbólico sem alterar suas práticas. (Pierucci, 1999, p.31).

Nesse sentido, a o evento da consciência negra corre o risco de ser transformada como vitrine e de reproduzir a lógica pontual que o projeto pretendia superar, o que reforça a necessidade de continuidade, de inserção curricular permanente e de acompanhamento das relações étnico-raciais no cotidiano escolar. Os resultados aqui descritos têm caráter qualitativo e se apoiam na observação participante e nos registros do projeto, o que não permite generalizações, mas indica caminhos para práticas pedagógicas antirracistas que articulem formação docente, protagonismo estudantil e enfrentamento institucional.

ISSN: 2358-8829

A realização das oficinas culturais de expressões artísticas negras e a culminância na construção coletiva do espetáculo consolidaram-se como potentes catalizadores de letramento racial, cujos resultados positivos transparecem no engajamento e na fortalecimento da identidade dos participantes. Mais do que um espaço de celebração ou entretenimento, essas vivências práticas evidenciaram o palco e as salas de ensaio como autênticas salas de aula abertas à comunidade escolar. Essa articulação reforça a premissa fundamental de que o movimento negro é, por natureza, intrinsecamente educador.

Como bem conceitua a intelectual e pedagoga Nilma Lino Gomes (2003), as lutas de emancipação e as manifestações culturais da população negra não apenas reagem às opressões, mas atuam como produtoras de saberes políticos, estéticos e formativos cruciais para a transformação da sociedade brasileira, racistamente estruturada. Ao transformar a arte em ação pedagógica antirracista, o evento de Consciência Negra cumpriu o papel histórico de educar e reconfigurar as relações étnico-raciais, demonstrando que a cultura afro-brasileira é um território vivo de aprendizado. (Gomes, 2003, p.13)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, por meio do evento da Semana da Consciência Negra, realizado de forma interdisciplinar, ficou ainda mais evidente o problema do racismo no dia a dia escolar. Como bem pontuou Bourdieu (2014) em A Reprodução, a escola não é um local neutro; é um espaço de reprodução das injustiças, das violências, das opressões e das desigualdades da sociedade, efetivadas no meio escolar de forma velada e silenciosa, gerando, assim, um tipo de violência simbólica.

No Brasil "[...] o racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade." (Almeida, 2019, p. 15). Nesse sentido, a escola não seria diferente. Mas, por meio de toda a preparação dos docentes ao lado dos pibidianos, conseguimos lutar, engajar e conscientizar os alunos para contestar visões racistas que são reproduzidas no mundo social.

Segundo Adilson Moreira, criador do conceito, o racismo recreativo é "[...] um projeto de dominação que procura promover a reprodução das relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial." (Moreira, 2019, p. 167). Além do mais, ressalto o papel dos pibidianos nos bastidores para a realização do evento, demonstrando a importância do programa (PIBID) e seus impactos concretos no meio escolar. Sendo necessário que o programa deixe de ser apenas uma política de governo e se torne uma política efetiva do Estado brasileiro.

Palavras-chave: Educação Antirracista ; Práticas Interdisciplinares ; Protagonismo Estudantil.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao nosso supervisor e orientador, Profº Lucas Vinicius Oliveira dos Santos, à nossa coordenadora do PIBID Sociologia, a Profª Drª Sheylla de Kassia Silva Galvão, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo subsídio de pesquisas tão fundamentais como esta, e a e a todos os colegas-bolsistas do Subprojeto de Sociologia da UFPB, que compartilham conosco a luta por uma educação antirracista, humanista e transformadora.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2014.
CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
LOURO, Guacira Lopes. **Gênero**, **sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas** da **diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

ISSN: 2358-8829

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).